

O ESPÍRITA E A TENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Na obra Estranho caso de Dr. Jeckill e Mr. Hyde, de autoria de Robert Stevenson, somos apresentados a Dr. Jeckill, um médico da corte inglesa, respeitado por toda a sociedade de sua época e tido como modelo. Enquanto o médico fazia carreira nos corredores da sociedade londrina, os subúrbios, parte baixa e escura da cidade, conheciam a atuação de um monstro, um ser repugnante, grosseiro, que frequentava bares e prostíbulos, assassinando cruelmente as pessoas e envolvendo-se em brigas com seus pares.

Paralelamente ao crescimento social de Dr. Jeckill, cresciam as barbaridades de Mr. Hyde. Eis que, finalmente, a polícia descobre o monstro e qual não foi a surpresa em constatar que ele nada mais era senão o brilhante médico, que, facilitado pelo uso de solução psicoativa liberadora, transformava-se, dava vazão ao seu aspecto obscuro.

A história de Dr. Jeckill e Mr. Hyde pode ser um símbolo, uma alegoria para o contraste em que o espírita vive em sua jornada de aperfeiçoamento moral. Por um lado, estão os esforços de espiritualização que já possui e, de outro, ainda atuam as predisposições instintivas, fruto de um passado de erros ainda insepulto.

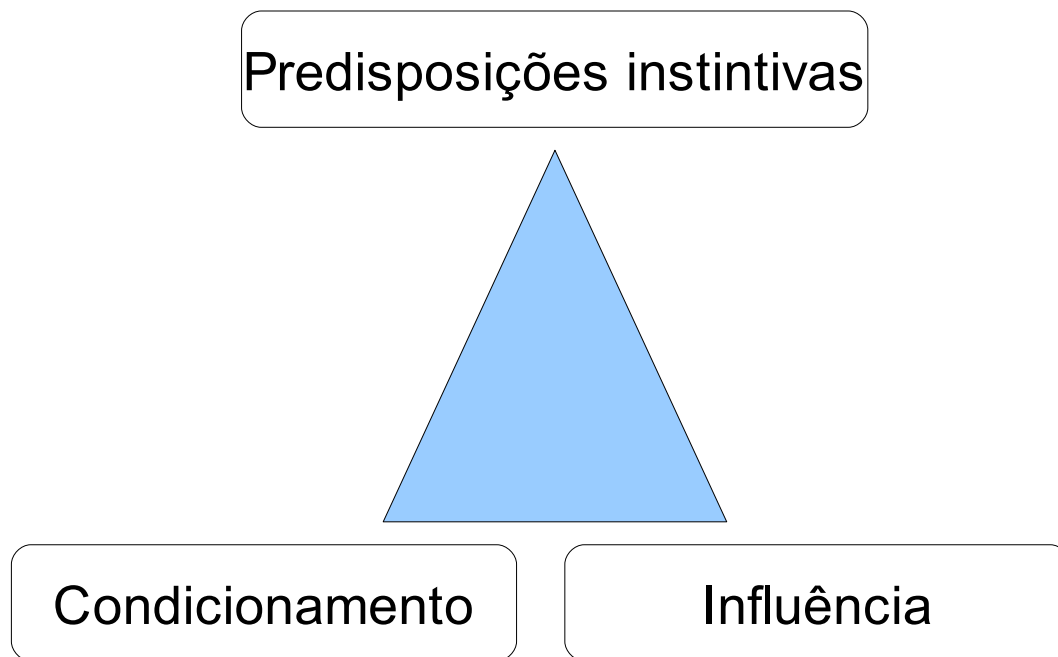
O espírita e as tentações é um importante capítulo no livro do crescimento moral da criatura. O Dr. Jeckill representa o bom espírita, estudioso, esforçado, caridoso. O Sr. Hyde (notem que hide é oculto, em inglês) é o símbolo do que nos falta por aperfeiçoar, é a sombra, no sentido junguiano, que insiste em contradizer a boa criatura representada pelo Dr. Jeckill.

O que é a tentação?

A relação entre Dr. Jeckill e Mr. Hyde reflete o esforço que a criatura enceta contra os arrastamentos da tentação. Assim, é importante entender o que é exatamente a tentação. Ela pode ser entendida como: uma solicitação para o mal; uma prova enviada por Deus; uma armadilha ou cilada; um convite a cultivar paixões que nos prejudicam; ou uma funesta influência espiritual.

De forma resumida, podemos entender as tentações como sendo a tendência a praticar atos que contrariem nossas crenças e valores. Essa tendência pode se originar da conjugação de predisposições instintivas, condicionamento e influência espiritual. As duas primeiras são consideradas causas internas e a última, externa, enquanto podem ser representadas graficamente

pelo seguinte triângulo:



É importante reconhecer que as tentações são acidentes naturais no caminho de todo aquele que busca a sua renovação íntima. Isso porque elas representam convites para o conhecimento das tendências íntimas, que funcionam como mapa do que realmente somos e, por conseguinte, essenciais para realizarmos o autoconhecimento, de acordo com a questão 919 de O Livro dos Espíritos:

Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?

“Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo.”

Além de permitirem o afloramento dessas tendências íntimas, as tentações servem para aquilatar a nossa disposição para o bem. Elas indicam sem margem de erro o quanto estamos decididos a promover a nossa reforma interior, conforme o item Os Bons Espíritos, no Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap. 17, item 4):

“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.”

Esses “esforços” representam a luta ou guerra que travamos contra as tentações. Para vencermos uma guerra contra qualquer inimigo (interno ou externo), precisamos considerar alguns aspectos.

Há um livro chinês, intitulado A Arte da Guerra, muito antigo que é utilizado tanto pelos militares quanto pelos executivos no mundo corporativo. Em suas páginas, Sun Tzu, seu autor, reflete sobre a importância de se conhecer as próprias forças e as do inimigo antes de iniciar qualquer batalha:

“Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas...”

Referindo-se às tentações como oportunidades de avaliação, Joanna de Ângelis assim se pronunciou:

“A tentação representa uma avaliação em torno das conquistas do equilíbrio, por parte de quem busca o melhor, na trilha do aperfeiçoamento próprio. Assim, policia-te, não caindo nem fazendo outrem cair.” (Leis morais da vida, lição nº 52)

De igual forma, Rodolfo Calligaris assim se expressou:

“As tentações são uma espécie de exame ou sistema de aferição de nosso adiantamento, onde os homens que as vencem adquirem novas forças e elevam-se a níveis superiores, enquanto os que a elas sucumbem estacionam e vão repetindo as lições da vida, até que as aprendam suficientemente”. (O Sermão da montanha, p. 134)

Mecanismos das tentações

Antes de comentar cada lado do triângulo, é importante conhecer como se dão as tentações, sejam originadas tanto interna quanto externamente. As tentações possuem três momentos bastante distintos. Primeiramente, ocorre a **imaginação**, surge a ideia (ou é sugerida); em seguida, vem o **deleite**, um comprazimento da criatura com aquela ideia; finalmente, vem o **consentimento**, fase em que cedemos ou resistimos às tentações. Nesta última fase, podemos recusar completamente as tentações, ceder parcialmente ou cairmos integralmente em seus arrastamentos.

A melhor maneira de resistir às tentações é combater as imagens que nos surgem na tela mental. Quando alimentamos essas imagens e chegamos à fase de deleite, ou seja, quando nos

comprazemos nas imagens que inocentemente alimentamos, fica muito mais difícil resistir às tentações.

No capítulo 28 de O Evangelho Segundo o Espiritismo, aprendemos a reconhecer um pensamento mau:

“Reconhece-se que um pensamento é mau, **quando se afasta da caridade**, que constitui a base da verdadeira moral, **quando tem por princípio o orgulho, a vaidade, ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar qualquer prejuízo a outrem; quando, enfim, nos induz a fazer aos outros o que não quereríamos que nos fizessem.**” (item 20)

Se passarmos todos os pensamentos por esse crivo, teremos um adiantado sistema de alerta a nos advertir da aproximação de qualquer ameaça.

Na sequência, veremos cada uma das causas ou fontes das tentações:

Predisposições instintivas

Somos espíritos imortais, criados simples e ignorantes por Deus, cabendo a cada um passar por um conjunto de experiências até que possamos chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade (LE 115). Acontece que, no curso dessa jornada, nos comprometemos com experiências infelizes que se tornam como manchas ou sombras em nosso psiquismo. É certo que gostaríamos de nos esquecer dessas experiências, mas a Lei de Deus é perfeita e não aceita o “jeitinho” que costumamos utilizar para driblar os rigores das leis humanas, imperfeitas como nós mesmos.

Pois bem, essas experiências, dormentes em nosso inconsciente, são acordadas por certas vivências emocionais ou fatos exteriores. É o que Jung afirmou ao abrir a sua autobiografia:

“Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou.”

(Memórias, sonhos, reflexões, p. 31)

O passado, enterrado no inconsciente, se manifesta no consciente por meio das predisposições íntimas. Elas são, a partir dessa constatação, importantes indicadores de nossa panorâmica espiritual, íntima. Emmanuel, ao se reportar a esse aspecto de nossa natureza, utiliza as seguintes imagens:

“Qual acontece com a árvore, a equilibrar-se sobre as próprias raízes, guardamos

o coração na tela do presente, respirando o influxo do passado. É assim que o problema da tentação, antes que nascido de objetos ou paisagens exteriores, surge fundamentalmente de nós – na trama de sombra em que se nos enovelam os pensamentos.” (Religião dos espíritos, lição nº3)

“As mais terríveis tentações decorrem do fundo sombrio de nossa individualidade, assim como o lodo, mais intenso, capaz de tisonar o lago, procede do seu próprio seio.” (Fonte viva, lição 110)

Vale recordar, ainda, a definição acertada do apóstolo Tiago em se referindo a este aspecto das tentações:

“Cada um é tentado, quando atraído e engodado por sua própria concupiscência.”
(Tiago 1:14)

De forma sucinta, a frase expõe uma grande verdade. Somos provados quando nossos desejos mais íntimos nos fazem ser atraídos e enganados pelas circunstâncias. Só seremos atraídos pelas coisas externas que repercutem, de alguma forma, em nosso íntimo. Esse é o caso das vítimas dos estelionatários. Os criminosos são hábeis em oferecer vantagens, geralmente, de natureza financeira aos incautos. Eles possuem a lábia e se utilizam de ardis para atrair suas vítimas. Acontece que só caem no golpe as pessoas que veem no negócio uma oportunidade de se darem bem, de faturarem bastante. Podemos dizer que uma pessoa desprovida de ambição, contente com o que tem e consciente de que o seu trabalho honesto é a única forma de se melhorar materialmente estará completamente imune às cantilenas dos estelionatários.

Finalmente, em O Livro dos Espíritos, Kardec questiona aos instrutores do Além se as predisposições instintivas não seriam um entrave à liberdade de escolha. Vejam a seguir a pergunta e a resposta:

Não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbítrio as predisposições instintivas que o homem já traz consigo ao nascer?

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme seja este mais ou menos adiantado, elas podem arrastá-lo à prática de atos repreensíveis, no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a

vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder.” (LE 845)

Condicionamento

Além das predisposições íntimas das pessoas, as tentações nascem do condicionamento ou do hábito. Quantas pessoas, principalmente os adolescentes e os jovens, se iniciaram nos vícios do tabagismo, do alcoolismo, da gula ou dos desregramentos sexuais para atender, inicialmente, a uma curiosidade ou para serem aceitos socialmente pelos grupos a que pertenciam. Finalmente, o que começou por curiosidade ou visando a aceitação social de repente se torna uma força praticamente irresistível.

O processo se dá de acordo com a seguinte ideia:

“Semeia-se um pensamento, colhe-se um ato
Semeia-se um ato, colhe-se um hábito;
Semeia-se um hábito, colhe-se um caráter;
Semeia-se um caráter, colhe-se um destino.” (Marion Lawense)

A partir do momento em que esse processo é desencadeado, fica muito desequilibrado o sistema a favor das tentações. Basta simplesmente uma imagem na televisão ou numa revista para que a criatura seja controlada como um robô. Esse é o caso das compulsões: o sujeito compra sem precisar, come sem ter fome e age sem qualquer motivação aparente. Instalado esse processo, o campo fica aberto para a atuação dos nossos inimigos espirituais, mas esse é o próximo aspecto das tentações.

Influência espiritual

A história cristã é pautada pela presença de seres tentando nos provocar a queda. Em praticamente todos os livros das Escrituras esses seres são retratados manobrando recursos, os mais ardilosos, para testar os filhos de Deus.

O primeiro caso narrado ocorre no Jardim do Éden, quando, depois de oferecer todos os recursos aos recém-criados Adão e Eva, o Senhor lhes impõe uma única condição: eles poderiam provar de todos os frutos do jardim, à exceção dos frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal. O resultado já é do conhecimento de todos. A serpente conseguiu convencer a mulher que a proibição era simplesmente para evitar que o homem e a mulher, ao comerem o fruto proibido,

seriam como Deus, porque conheceriam o bem e o mal. E a mulher viu que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Daí nasceu o que a teologia cristã chamou de pecado original e, por conta dessa desobediência, todas as criaturas carregariam o peso do pecado.

Outros casos de tentação são encontrados na Bíblia: Abraão, David e Jó, mas o que oferece maiores elementos para reflexão é o que narram os evangelistas a respeito da tentação de Jesus no deserto.

Consta em Mateus, capítulo quatro, versículos de um a onze, que, depois de jejuar por quarenta dias, Jesus estava no deserto e veio o tentador (o adversário, o antagonista – de acordo com as acepções que possuem as palavras diabo e satanás. A palavra demônio, etimologicamente, remete a sopro ou espírito, não especificando se bom ou ruim. Platão se referia a *daimon* como sendo o espírito que acompanhava e ajudava Sócrates).

O tentador utilizou-se de três abordagens para provocar a queda do Cristo.

Primeiramente, ele tentou se valer da fome que Jesus deveria estar sentindo, afinal ele vinha de um jejum de quarenta dias. Ele disse: “Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.” Jesus respondeu: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.”

Em seguida, o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, E disse-lhe: “Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, E tomar-te-ão nas mãos, Para que nunca tropeces em alguma pedra.” Disse-lhe Jesus, no entanto: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.”

Finalmente, o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.” Então disse-lhe Jesus: “Vai-te, Satanás [vade retro, Satanás = Submete-te, adversário], porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.” Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviam.

A doutrina espírita interpreta tanto o episódio do Éden quanto o do deserto como sendo alegorias, ilustrações para nos oferecer ensinamentos valiosos. Analisar esses dois episódios em seu sentido literal levaria a dificuldades intransponíveis. Interpretá-los, por outro lado, a partir do prisma espiritual oferece-nos amplas possibilidades de entendimento:

- No Éden, o tentador, a serpente, consegue o seu objetivo. Isso se deve ao fato de que Adão e Eva representam a chegada do espírito humano à fase da consciência e, conseqüentemente, do livre-arbítrio. Como ainda são inexperientes, diante das alternativas do bem e do mal,

eles optam pelo mal. Esse mal, a despeito da figura forte da expulsão, não será eterno. Eles terão novas oportunidades para a retificação de suas escolhas;

- No deserto, é Jesus quem vence o tentador. Estamos agora não mais falando de Espíritos principiantes, sendo apresentados ao livre-arbítrio. Estamos diante de um Espírito que já progrediu, o guia e modelo da humanidade, que vem dar o exemplo de que é possível dominar a matéria e fazer vencer o Espírito;
- A primeira porta de entrada do tentador, em ambos os casos, é a boca: comer o fruto proibido ou transformar pedras em pães para matar a fome. Isso representa que a primeira porta aberta às tentações, o estômago, tem a ver com as sensações primárias. Estão aí as tentações da gula, do alcoolismo, do tabagismo e do sexo desenfreado. Não é de causar espanto que os Espíritos iniciantes tenham caído justamente nessa primeira tentação;
- A segunda porta refere-se à vaidade, ao egoísmo e ao orgulho. Se comessem o fruto proibido, de acordo com a serpente, Adão e Eva seriam como Deus. Por ser o Filho de Deus, se caísse na cilada do diabo, Jesus iria saltar do pináculo do templo para ser amparado pelos anjos, testando a proteção divina;
- A terceira porta que o diabo tentou a queda de Jesus é a da ambição. Ele daria todos os reinos do mundo a Jesus se ele se prostrasse e adorasse o tentador. O Cristo, como fez nas tentações anteriores, primeiro mencionou o que prescrevia as Escrituras e acabou por repreender o adversário, dizendo: *vade retro, Satanás*, isto é, afasta-te, adversário;

Essas passagens são ensinamentos que podemos e devemos aproveitar no momento da nossa própria provação. Compreendendo as figuras da serpente e do diabo como sendo os Espíritos inferiores que tentam provocar a nossa queda, sabemos da responsabilidade que nos compete em afastar o perigo:

“Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo.” (ESE, Cap. 28, item 16)

Mais do que nos valer de rituais em busca de proteção, aprendemos com a doutrina espírita que devemos cuidar de nossos sentimentos e pensamentos para não atrair os obsessores. Está aí o importante capítulo da sintonia, a partir da qual estabelecemos a ligação com aqueles Espíritos que buscam nos fazer sofrer:

“Tentação é a força viciada que exteriorizamos, atraindo a escura influência que

nos inclina aos desfiladeiros do mal, porque toda sintonia com a ignorância, ou com a perversidade, começa invariavelmente da perversidade ou da ignorância que acalentamos conosco.” (Lourenço Prado/Francisco Cândido Xavier. Instruções psicofônicas. Pensamento. Capítulo 38)

“Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que se afastam, em se reconhecendo impotentes para lutar contra a nossa vontade.” (ESE, Cap. 28, item 11)

Assim, quando consideramos o triângulo das causas das tentações (predisposições íntimas, condicionamento e influências espirituais) fica evidente que o nosso modo de agir e de sentir é determinante para que ocorra a tentação. Não importa se as causas são internas ou externas, mas o nosso proceder irá ditar se seremos vítimas ou não de nós mesmos. É preciso, então, conhecer as formas de resistir às tentações, conforme veremos a seguir:

Como resistir às tentações

O primeiro ponto é, sem sombra de dúvidas, querer. A vontade é a mais importante arma na guerra contra as tentações. É preciso uma vontade firme, sem hipocrisia. Do contrário, repetiremos o escritor Oscar Wilde que, bem humorado, dizia:

“Resisto a tudo, menos às tentações.”

Ou Santo Agostinho, antes de se converter, quando se entregava aos prazeres e lutava, inutilmente, por vencer as inclinações inferiores:

“Senhor, livrai-me das tentações, mas não hoje.”

Esses que dizem querer, mas a vontade só fica nos lábios, costumam repetir o humorista:

“O problema de resistir às tentações, é que pode não surgir uma nova oportunidade.” (Lawrence Peter)

Quanto a essas pessoas que dizem querer, mas que não movem uma palha para se livrarem das tentações, O Livro dos Espíritos diz o seguinte:

“Não haverá paixões tão vivas e irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las?”

“Há muitas pessoas que dizem: Quero, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como ‘querem’. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em consequência da sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.” (LE 911)

Outros há que não se decidem ao esforço de renovação interior e que se arrepiam diante da mera ideia de iniciar um processo de luta contra as tentações por se reconhecerem fracos demais para o combate. Esses costumam se valer das desculpas: “A carne é fraca” ou “não sou de ferro.” Dizendo assim, desconhecem que estão se referindo a uma inadequada preponderância da natureza animal sobre a espiritual. Quem dirige o corpo é o Espírito e não o contrário. Devemos cuidar de um e outro, mas fortalecer, principalmente, o Espírito, que é o mais importante.

Conta-se que um esquimó tinha um cachorro preto e um cachorro branco. Na região em que vivia era costume haver briga de cães. Ele fazia apostas com os seus cães. Colocava os dois para brigar e lançava apostas. Sempre ganhava. Depois de algum tempo, um homem foi perguntar a ele como fazia para que o cachorro em que ele apostava ganhasse. "É simples. Quando eu quero que um cachorro ganhe, eu o alimento bem durante a semana e deixo o outro passar fome. O cachorro enfraquecido perde a briga". Assim é também na vida espiritual. Se não alimentarmos e fortalecermos o lado espiritual, nossa natureza animal, geralmente bem nutrida, continuará ditando as regras.

Há também os que superestimam suas forças para superar as tentações. Dizem que fumam, mas que param assim que quiserem. Mal sabem essas pessoas que essa presumida força é, na verdade, uma fraqueza a minar a sua vontade.

É importante lembrar, também, que há mérito em se resistir às tentações, conforme nos explica O Livro dos Espíritos:

Qual a mais meritória de todas as virtudes?

“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. **Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendoros.** A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.” (LE 893)

Além da vontade firme, bem trabalhada e treinada, devemos contar com a ajuda dos bons Espíritos para vencer as tentações:

O homem pode encontrar nos Espíritos uma ajuda eficaz para superar as paixões?

Se orar a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade, os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, porque essa é a sua missão. (LE 910)

“Devemos, ao mesmo tempo, imaginar que, por seu lado, o nosso anjo guardião, ou Espírito protetor, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que tomemos. A nossa hesitação em praticar o mal é a voz do Espírito bom, a se fazer ouvir pela nossa consciência.” (ESE, Cap. 28, item 20)

Para angariar a simpatia dos bons Espíritos é indispensável a observância de dois aspectos, aliás, recomendados por Jesus: vigilância e oração.

“Orai e vigiai para não cairdes em tentações,” disse Jesus. Quando estamos firmes na oração e na vigilância fechamos todas as portas através das quais as tentações poderiam nos fazer sucumbir. Não foi sem razão que Jesus inseriu no Pai Nosso a rogativa: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o mal.” Sofrer a tentação é normal, mas não é aceitável ceder a ela, com todo o conhecimento que já possuímos.

CONCLUSÃO

O Mr. Hyde, a sombra do Dr. Jeckill, foi desmascarado e pagou com a morte pelos seus atos voltados para o mau. Assim ocorre com todo o mau praticado às escondidas, porque é da Lei que tudo tenha que vir a claro. De igual forma, todo o conteúdo inconsciente que trazemos em nós mesmos será trazido ao nível consciente e transformaremos toda a sombra em luz.

Conforme disse o filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard: “a vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para frente”.

E ao final, poderemos dizer com Paulo: “Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7).

Muita paz a todos!

Conheça o blog: <http://espiripedia.wordpress.com/>